

Tancredo, sempre um colecionador de amizades

Pouco antes de ser eleito, o Presidente fez um longo relato sobre sua vida pessoal e política

"Sou filho de um pequeno burguês de São João Del Rey, comerciante médio, que morreu aos 46 anos, deixando 12 filhos. Minha mãe ficou viúva muito moça, com 36 anos, sem meios nem recursos. Realizou o milagre de formar todos os meus irmãos".

Da meninice, suaves lembranças, nostalgia da vida livre do interior mineiro:

— Vivi a infância comum de todos os meninos de Minas Gerais. Banho de rio, tocar sino nas igrejas, ajudar missas, pelada todos os dias.

Por falar em peladas, a paixão pelo futebol começou cedo, como em todo bom brasileiro:

— Eu e Zezinho (José Bonifácio Laffayete de Andrade, o Zézinho Bonifácio, da UDN) somos adversários tradicionais há 20 ou 30 anos. Eramos adversários no futebol; eu era meia-direita do Minas de São João Del Rey, ele meia-esquerda do Olímpico de Barbacena. Devia ser o contrário, mas era assim. Fomos adversários na tribuna forense. Adversários na política. Mas somos amigos.

Aliás, amizade foi uma coisa que Tancredo sempre colecionou. Jamais se meteu em pandaria, embora desde cedo mostrasse espírito de liderança. E é ele quem conta:

— Sempre fui um conciliador. Briga de engalfinamento, nunca entrei. Mas promoviamos movimentos. No ginásio cheguei a chefiar uma greve de estudantes porque o comércio decidira abrir as portas no dia 21 de abril. Fechamos o comércio todo.

Na fase escolar, o contato com a realidade e com a política, ainda no primário. No ginásio, a paixão pela literatura, pelos clássicos.

— Estudei no João dos Santos, grupo tradicional da cidade, das famílias remediadas. Não havia grandes fortunas, mas também não havia miseráveis, a economia era bem distribuída. Por isso mesmo, o povo

depois.

Tancredo confessa ter passado um dia preso, mas já depois da implantação do Estado Novo de Getúlio, quando militava como advogado sindical.

O que se sabe, com segurança, é que, após a conclusão do curso de Direito, fez pós-graduação em Economia.

— De 1932 a 1933 exercei a Promotoria de Justiça, mas veio o período constitucional de 1934 e fui ser vereador.

Vereador e presidente da Câmara, exerceu também internamente a Prefeitura de São João Del Rey.

As atividades políticas de Tancredo se encerraram com o Estado Novo e a ditadura getulista.

— Entre 1937 e 1945, eu só advoguei.

Essa interrupção da vida política é contada por Tancredo assim:

— No dia 10 de novembro recebi o radiograma dizendo que o Senado, câmaras Federal e Municipais e assembléias legislativas tinham sido dissolvidos. Como presidente, dei ciência aos vereadores que estavam com os mandatos cassados, que não representavam mais nada. Levantou um vereador integrante, farmacêutico de talento, e fez um elogio do golpe de Estado. Era vereador também um médico que tinha sido constituinte republicano em Minas — Elói Mendes. Este fez um protesto veemente. Ao meu lado estava um fazendeiro que me perguntou, então, assim: Doutor, não tó entendendo nada. O que é isso? É uma ditadura, um regime de força no Brasil, respondi. Mas nós vamos sair do lado de montar? Ele tornou a perguntar. Foi a melhor definição de ditadura que já ouvi até hoje. Ou você sai do lado de montar ou sai montado.

Durante o tempo em que advoou, entre 37 e 45, Tancredo trabalhou com os ferroviários da Rede Mineira de Viamão e com os empregados do comércio.

— Eu fui advogado sindical, não se cansava Tancredo de dizer em reuniões com sindicalistas.

— Fui até preso porque estava a frente de um movimento. Eu até insufliei a greve. A causa era justa e eu me empenei pessoalmente junto à chefia de Polícia para impedir a prisão de muitos e solicitar a soltura de outros.

A prisão de Tancredo durou 24 horas mas o movimento em que se empenei acabaria se tornando vitorioso.

NAMORO CONSERVADOR

Nesse período aconteceu o casamento de Tancredo com dona Risoleta, um assunto que praticamente não entra em entrevistas a jornais, rádios e tevés. Uma das poucas vezes em que o caso chegou a ser conversado, Tancredo procurou passar à frente rapidamente.

— Conheci Risoleta quando ela estudava no colégio. Nós ficávamos esperando as meninas na saída do colégio. Acontecia o que todo mundo sabe muito bem: piadas, bilhetinhos, os irmãos com raiva. E tudo aconteceu de uma hora para outra.

O namoro foi conservador, ao estilo de São João Del Rey, mas o casamento se realizou em Cláudio. Tancredo não levou o assunto à frente, respondendo

era muito independente. Era o único município de Minas onde o Bernardo perdia eleição.

— Na fase ginásio, li de tudo. Todo o Eça de Queiroz, todo o Machado de Assis, Aloísio de Azevedo, José de Alencar. Mas o que me empolgou mesmo foi Os Sertões, de Euclides da Cunha. Sabia trechos de cor. A medida que a gente vai envelhecendo, passa pros clássicos: Dom Quixote, Dante, Goethe...

Já se falou, várias vezes, que Tancredo foi músico, instrumentista etc. Ele nega:

— Minha mãe é que era uma pianista excepcional. Todos nós nos criamos e educamos com ela ao piano.

VESTIDO DE ANJO

Em São João Del Rey há muitas pessoas que se lembram do menino Tancredo vestido de anjo nas procissões do Senhor Morto, enquanto as bandas e orquestras tocavam composições centenárias de autores da região, como o padre José Maria Xavier, Martiniano, Ribeiro Bastos, Ireno Batista Lopes, José Cantelmo Júnior, Antônio dos Santos Cunha e Manuel Dias de Oliveira.

Outros recordam o menino simeiro, que aprendeu com João Resinga o complicado código dos sinos da cidade, principalmente da Igreja do Pilar. Numa entrevista antes de se eleger governador, mas não publicada, Tancredo chegou a dizer que ainda conhece todo o misterioso idioma dos sinos de sua terra.

No tempo de ginásio, começo a sua fama de orador, mas ele não fez referência ao fato em nenhuma declaração dos últimos 6 anos. Prefere falar que "nunca figurei entre os primeiros lugares na escola, mas também nunca entre os últimos, ficando próximo aos primeiros".

Em 1928, Tancredo foi para Belo Horizonte, a fim de estudar Direito, formando-se 4 anos depois.

— Feito o curso de Direito, passei a ler também muita literatura jurídica. Manifestada minha tendência para a política, estudei muita Sociologia e até hoje não deixo de ler o que se publica sobre esse tema.

Ha uma história segundo a qual Tancredo teria sido preso juntamente com outros colegas no tempo em que era estudante de Direito, mas todos sendo soltos por Gustavo Capanema, então secretário do Interior, logo

depois.

Tancredo confessa ter passado um dia preso, mas já depois da implantação do Estado Novo de Getúlio, quando militava como advogado sindical.

O que se sabe, com segurança, é que, após a conclusão do curso de Direito, fez pós-graduação em Economia.

— De 1932 a 1933 exercei a Promotoria de Justiça, mas veio o período constitucional de 1934 e fui ser vereador.

Vereador e presidente da Câmara, exerceu também internamente a Prefeitura de São João Del Rey.

As atividades políticas de Tancredo se encerraram com o Estado Novo e a ditadura getulista.

— Entre 1937 e 1945, eu só advoguei.

Essa interrupção da vida política é contada por Tancredo assim:

— No dia 10 de novembro recebi o radiograma dizendo que o Senado, câmaras Federal e Municipais e assembléias legislativas tinham sido dissolvidos. Como presidente, dei ciência aos vereadores que estavam com os mandatos cassados, que não representavam mais nada. Levantou um vereador integrante, farmacêutico de talento, e fez um elogio do golpe de Estado. Era vereador também um médico que tinha sido constituinte republicano em Minas — Elói Mendes. Este fez um protesto veemente. Ao meu lado estava um fazendeiro que me perguntou, então, assim: Doutor, não tó entendendo nada. O que é isso? É uma ditadura, um regime de força no Brasil, respondi. Mas nós vamos sair do lado de montar? Ele tornou a perguntar. Foi a melhor definição de ditadura que já ouvi até hoje. Ou você sai do lado de montar ou sai montado.

Durante o tempo em que advoou, entre 37 e 45, Tancredo trabalhou com os ferroviários da Rede Mineira de Viamão e com os empregados do comércio.

— Eu fui advogado sindical, não se cansava Tancredo de dizer em reuniões com sindicalistas.

— Fui até preso porque estava a frente de um movimento. Eu até insufliei a greve. A causa era justa e eu me empenei pessoalmente junto à chefia de Polícia para impedir a prisão de muitos e solicitar a soltura de outros.

A prisão de Tancredo durou 24 horas mas o movimento em que se empenei acabaria se tornando vitorioso.

NAMORO CONSERVADOR

Nesse período aconteceu o casamento de Tancredo com dona Risoleta, um assunto que praticamente não entra em entrevistas a jornais, rádios e tevés. Uma das poucas vezes em que o caso chegou a ser conversado, Tancredo procurou passar à frente rapidamente.

— Conheci Risoleta quando ela estudava no colégio. Nós ficávamos esperando as meninas na saída do colégio. Acontecia o que todo mundo sabe muito bem: piadas, bilhetinhos, os irmãos com raiva. E tudo aconteceu de uma hora para outra.

O namoro foi conservador, ao estilo de São João Del Rey, mas o casamento se realizou em Cláudio. Tancredo não levou o assunto à frente, respondendo

era muito independente. Era o único município de Minas onde o Bernardo perdia eleição.

— Na fase ginásio, li de tudo. Todo o Eça de Queiroz, todo o Machado de Assis, Aloísio de Azevedo, José de Alencar. Mas o que me empolgou mesmo foi Os Sertões, de Euclides da Cunha. Sabia trechos de cor. A medida que a gente vai envelhecendo, passa pros clássicos: Dom Quixote, Dante, Goethe...

Já se falou, várias vezes, que Tancredo foi músico, instrumentista etc. Ele nega:

— Minha mãe é que era uma pianista excepcional. Todos nós nos criamos e educamos com ela ao piano.

VESTIDO DE ANJO

Em São João Del Rey há muitas pessoas que se lembram do menino Tancredo vestido de anjo nas procissões do Senhor Morto, enquanto as bandas e orquestras tocavam composições centenárias de autores da região, como o padre José Maria Xavier, Martiniano, Ribeiro Bastos, Ireno Batista Lopes, José Cantelmo Júnior, Antônio dos Santos Cunha e Manuel Dias de Oliveira.

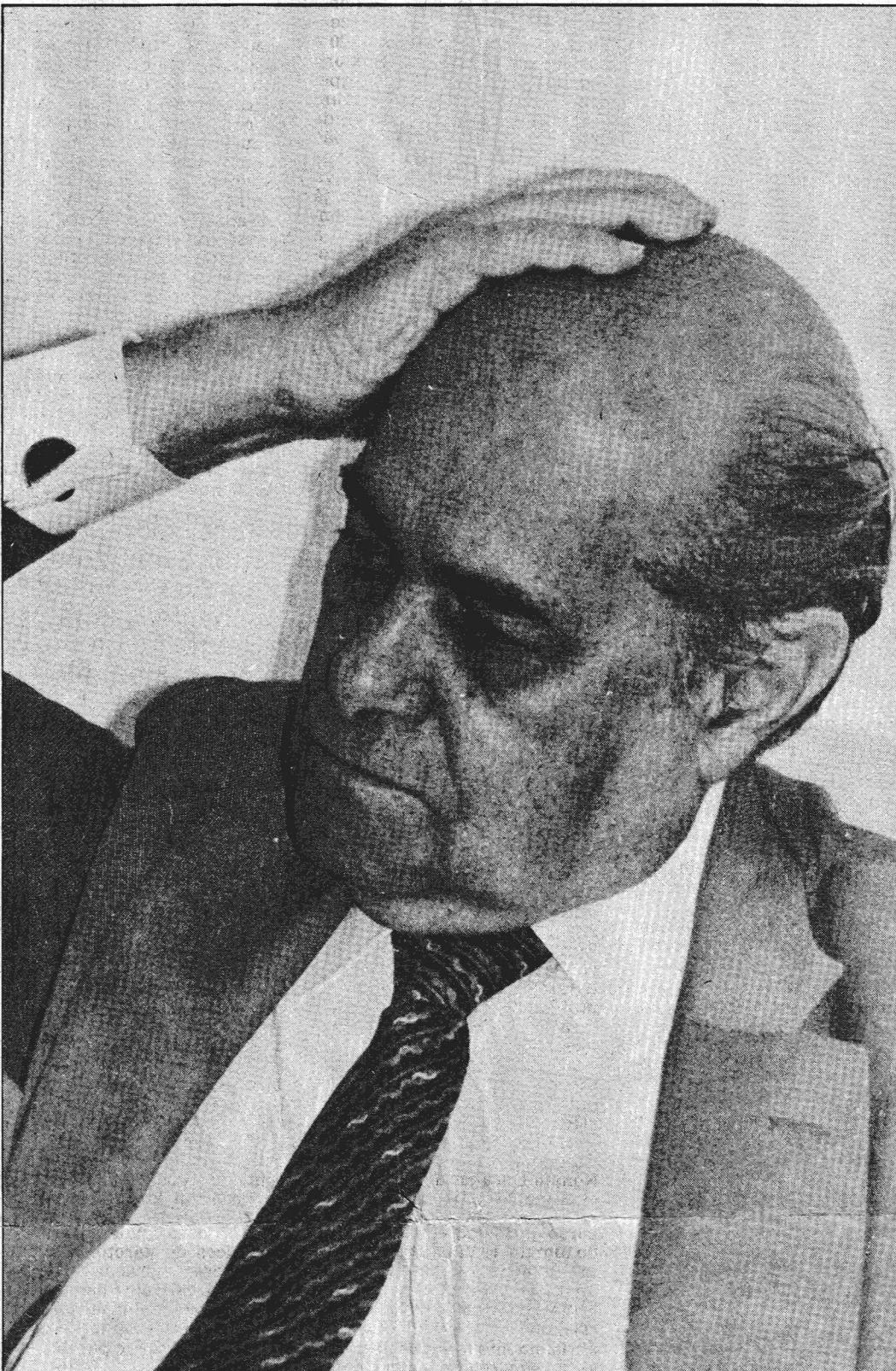
Outros recordam o menino simeiro, que aprendeu com João Resinga o complicado código dos sinos da cidade, principalmente da Igreja do Pilar. Numa entrevista antes de se eleger governador, mas não publicada, Tancredo chegou a dizer que ainda conhece todo o misterioso idioma dos sinos de sua terra.

No tempo de ginásio, começo a sua fama de orador, mas ele não fez referência ao fato em nenhuma declaração dos últimos 6 anos. Prefere falar que "nunca figurei entre os primeiros lugares na escola, mas também nunca entre os últimos, ficando próximo aos primeiros".

Em 1928, Tancredo foi para Belo Horizonte, a fim de estudar Direito, formando-se 4 anos depois.

— Feito o curso de Direito, passei a ler também muita literatura jurídica. Manifestada minha tendência para a política, estudei muita Sociologia e até hoje não deixo de ler o que se publica sobre esse tema.

Ha uma história segundo a qual Tancredo teria sido preso juntamente com outros colegas no tempo em que era estudante de Direito, mas todos sendo soltos por Gustavo Capanema, então secretário do Interior, logo



Tancredo, por ele mesmo: histórias de sua vida, de Getúlio Vargas, da repressão

oratório mineiro primitivo. Numa das salas, um relógio carrião de mais de dois metros de altura, fabricado por Riovaldo Frères, de Paris. Um anjo tocheiro, uma Senhora da Piedade, uma Santana Mestra, várias imagens de São Francisco, um crucifixo em jacarandá só mais algumas da peças que transformaram o Solar dos Neves num dos de maior valor histórico e artístico de São João Del Rey.

Na fase de reconstitucionalização do País, Tancredo chegou a ser convidado para chefia de Polícia de Minas, mas recusou, e o cargo acabou sendo preenchido por Pimenta da Veiga.

Tancredo acabaria se elegendo para a Constituinte e para a Legislatura Mineira de 1947 a 1951. Na Constituinte uma importante tarefa: foi eleito relator.

Tive momentos importantes. O primeiro foi a promulgação da Constituição Mineira de 1946, da qual fui relator. Entregei-me de corpo e alma àquela tarefa, que foi a primeira grande incumbência de minha vida pública. Fui escolhido pela unanimidade da Assembleia Legislativa para fazer o trabalho. Na sessão solene de promulgação do texto constitucional tive grande satisfação. Foi um esforço altamente gratificante e recompensador.

Em outro momento, quando enaltecia no Parlamento Nacional a figura de Milton Campos, Tancredo revelou mais dados a respeito desse momento histórico.

“NÃO GANHEI ELEIÇÃO”

— Um incidente na Comissão Executiva do antigo PSD mineiro desequilibrou as forças eleitorais e eis Milton Campos alcançando à Governança do Estado. Quando candidato eu o encontrei e lamentei que tivesse de constranger velha amizade para submeter-me às imposições partidárias que não me permitiam colocar-me a serviço de sua candidatura. Respondeu-me com imperturbável serenidade: “Não se preocupe. O meu compromisso com a UDN é o de pronunciar 12 discursos de doutrinação democrática. Não sou candidato para ser eleito. Se houvesse a mais remota possibilidade de vitória, o candidato não seria eu”. Meses depois, já eleito, encontramo-nos novamente. Felicitei-o e ele respondeu-me: “Não ganhei as eleições, vocês perderam-nas”.

Era assim Milton Campos, simples, despretensioso, um quase fatalista. Na direção do Estado, ninguém melhor do que eu pode dizer, líder que fui da oposição ao seu governo na Assembleia Legislativa, portou-se como magistrado. Foi o defensor do partido vencido e, às naturais exigências dos correligionários,

As refinarias internacionais encontraram na UDN, que buscava o poder, o aliado

co recusando-se a nele montar um laboratório de soluções faciosas.

Após a elaboração do seu relatório sobre a Constituição, Tancredo pôde dizer, a 5 de maio de 1947: “Sentimo-nos, todos, tranquilos com a nossa consciência. Há um mês, em sessões diárias, que nós fomos a acurados estudos, vimos dedicando as nossas melhores energias na execução do projeto, que é hoje submetido à apreciação da Assembleia. Obra simples e despretensiosa exigiu no entanto, dos seus artifícios, um paciente trabalho de construção e cuidadoso esforço de interpretação. Venham agora as emendas para corrigir os lapsos, enganos e falhas que por certo não escaparão à argúcia e à lúcida inteligência dos Srs. Constituintes, de cuja cultura muito esperamos para o seu aperfeiçoamento”.

Em 1950, Tancredo vai para a Câmara Federal, após a desistência de Augusto Viegas, disputa a Câmara Federal, elegendo-me.

Em 1952, Getúlio convocou-me para assumir o Ministério da Justiça. A velha UDN não deu a derrota e passara para

anos e meio em que fui ministro do presidente Getúlio, ele só fez uma reunião ministerial — foi também a última, que antecedeu seu trágico desfecho. Foi uma reunião tumultuada. Ela já é conhecida da Nação em todos os detalhes. Desta reunião é importante perceber a dignidade do presidente, sua postura de estadista e a maneira espontânea como comandou aquela reunião e como nela se situou. Em nenhum momento perdeu a calma ou a serenidade, em nenhum momento teve sequer um gesto brusco. Depois que todos deram opiniões, ele encerrou a reunião, dizendo que entraria em licença e esperava que as Forças Armadas mantivessem a ordem no País. Se isso não acontecesse, ele saberia cumprir seu dever para com a Nação.

Foi nessa reunião que Tancredo recebeu de presente a famosa caneta de Getúlio.

— Foi antes da reunião ministerial. Os ministros já estavam reunidos, e eu subi e comuniquei a ele que todo o Ministério já estava no Catete e no momento que ele desejasse poderíamos iniciar a reunião. Ele estava lendo uma folha de papel, que depois verifiquei ser a carta-testamento. Dobrou aquele pedaço de papel, colocou no bolso externo do paletó e pegou a caneta, que estava num tinteiro em cima da sua mesa de trabalho. E disse: guarde isso como recordação destes dias. Naquele momento, com tantas preocupações, não atribui maior significado ao gesto.

NA HORA DO SUICÍDIO

Tancredo seria também uma das únicas pessoas a ver e sentir os últimos instantes da vida de Getúlio.

— Estava no Catete na hora

do suicídio. O capitão Dornelles desceu correndo, avisando que o Presidente tinha dado um tiro no peito. Quanto chegou ao quarto ele ainda estava vivo, com metade do corpo fora da cama. Alzira e eu o colocamos na cama. De seu coração jorrava sangue aos botões. Procuramos acomodá-lo e conter a perda de sangue. Ele olhou em volta e encontrou Alzira. Fixou-se nela e morreu. Não deu uma palavra.

No governo Juscelino, Tancredo é nomeado diretor do Banco do Brasil.

</